

LÚCIO CARDOSO E A CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA: A VISÃO DO AUTOR SOBRE A DECADÊNCIA PATRIARCAL ATRAVÉS DA FICÇÃO.

RIVALDENE RODRIGUES NATAL¹

Joaquim Lúcio Cardoso Filho, mineiro de Curvelo, nasceu em 1912 e faleceu em 1968, no Rio de Janeiro. Filho mais jovem de uma tradicional família do interior de Minas Gerais, afetada pela crise e a perda de bens, Cardoso conviveu desde pequeno com o tema que mais tarde viria a povoar uma de suas obras mais relevantes, *Crônica da casa Assassinada*: a decadência da família do interior mineiro.

Em 1934, aos 22 anos, é lançada sua primeira obra, *Maleita*, onde o autor descreve de forma impressionantemente pungente a criação de um povoado no sertão mineiro, às margens do rio São Francisco. A atmosfera de agonia e sombras descritas neste primeiro trabalho de Lúcio Cardoso, o fazem conquistar a crítica literária da época e o colocam ao lado de grandes nomes da literatura da década de 1930, como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Jorge Amado. Os críticos vêem em *Maleita* características da literatura regionalista, título este de fato nunca aceito por Cardoso. No limite, o que o aproximava deste grupo, era apenas o fato de seu romance dar-se no interior de Minas Gerais, mas Cardoso jamais escreveu obra alguma que demonstrasse o engajamento político e social típicos da esquerda regionalista da época, que escrevia mais como uma reação à situação vivida no país, diferentemente de Lúcio Cardoso, que nunca acenou para uma possível adesão a qualquer tipo de causa ligada à esquerda partidária, ao contrário, o autor chegou mesmo a criticar os escritores nordestinos, criando inclusive uma certa indisposição com alguns autores desta vertente.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES.

Não se encontra em nenhum romance ou novela cardosiana qualquer tipo de engajamento político ou social, nem referências às mazelas do país, comumente encontradas nos escritores regionalistas. O que não faz de seus escritos alienados.

Apesar da boa recepção à *Maleita*, Lúcio Cardoso passou em pouco tempo de grande promessa a um período de ostracismo, vindo a aparecer novamente, após o lançamento de seu terceiro romance, a *Luz no subsolo* de 1936, quando rompe de vez com as características que o ligavam a vertente regionalista e adota em suas obras um tom mais introspectivo e psicológico que em seu primeiro e segundo romances. Neste período, Cardoso passa a desenvolver sua escrita literária amparada na ofensiva católica que buscava retomar a influência intelectual e política perdidas para o positivismo e para o liberalismo laico da República Velha. Opunha-se à literatura de cunho social com tendências esquerdistas e investia numa literatura de cunho místico e politicamente conservador.

Mesmo tendo escrito outras novelas e romances, Cardoso, viria a se consagrar de vez com o lançamento, em 1959, de *Crônica da casa Assassinada*, tida como a obra de sua maturidade intelectual. É neste romance que desenvolveremos nossa análise a cerca dos conflitos e mudanças enfrentados por oligarcas empobrecidos e pela conseqüente crise enfrentada pelo sistema patriarcal.

Este trabalho visa estabelecer uma relação entre Literatura e interpretação do Brasil por intermédio deste romance e centrado no período histórico pós 1930, quando o Brasil, afetado pelas crises internas e externas, como a quebra da bolsa de valores de 1929, sofreria com a queda no preço do café e conseqüentemente com a ruína de muitos fazendeiros. A dependência agroexportadora do país foi posta em xeque e mostrou a fragilidade do sistema e a necessidade de haver uma diversificação econômica que garantisse sua estabilidade. O investimento na industrialização com bases nacionais foi uma das medidas adotadas para se tentar contornar a situação do país, este projeto foi levado a cabo pelo intervencionismo estatal.

Apesar da crise, a Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder traria para o país uma expectativa positiva, mas que logo seria substituída por um período de conturbação, uma vez que, instaurada a Primeira República o ordenamento social e

econômico que fora instituído à partir de relações que primavam pelo “sangue”, e a “hereditariedade”, que segundo Carlos Guilherme Mota, “*marcaram as regras de ordenação social e constituíram o ponto de partida para o estabelecimento de critérios nas relações de dominação*” (MOTA, 2002:61). Este tipo de relação sofreria mudanças a partir da Revolução de 30, quando esta tradição familiar apoiada pelas instituições formais das elites (partidos políticos, clubes e ensino acadêmico) vê-se forçada a dar lugar a novas relações baseadas no individualismo e na possibilidade de ascensão econômica fora dos círculos familiares das elites. Este fato representava uma ruptura no modo de organização social que era imposto aos brasileiros e em muito desvirtuava a ascendência do poder e da riqueza estabelecidos até aquele momento, gerando a insatisfação deste grupo que, garantia seu poder graças à descentralização política da Primeira República. Esta descentralização seria posta a baixo após a revolução de outubro que culminou com o Estado Novo e com o esforço pela industrialização em detrimento à economia rural e, conseqüentemente, com a aceleração no processo de urbanização.

Propomos assim, a análise da Crônica para a partir da relação literatura/ interpretação do Brasil, tratarmos da questão da decadência patriarcal. Para tanto, partiremos da assertiva de que Literatura e História são próximas no sentido de que a produção de ambas está ligada a narrativa de determinada realidade social de onde extraem tipologias de configuração de mundo e através das quais estabelecem uma concatenação entre a realidade do homem e sua existência no mundo. Respeitando-se a especificidade teórica e metodológica que diferenciam cada um destes campos do saber. Não trabalhamos esta obra literária com se a mesma se tratasse de uma fonte documental verídica, mas pela intenção subjetiva contida nesta fonte que enquanto realização de uma época é, portanto a representação da visão de mundo do autor, onde a realidade está implícita e de onde podemos tirar informações a cerca de um determinado período e de determinados fatos.

Um romance à contraluz. Assim poderíamos descrever a narrativa cardosiana sobre os Meneses. Onde a vida privada de nossos personagens dá a tônica do que seria a vida de uma família às voltas com a incapacidade de se adaptar aos novos tempos que se apresentam. Cardoso nos leva a percorrer todos os cômodos da velha casa, símbolo do

poder das oligarquias brasileiras, *locus* do poder patriarcal. Arruinados social e economicamente, a derrocada destas famílias inicia-se com as transformações principiadas em 1930 e que promoveriam uma mudança no *status quo* destas oligarquias.

Para além de uma perda econômica e de prestígio, o romance de Lúcio Cardoso, representa também a perda dos valores morais, na tentativa de manutenção do grupo, da luta do anti-moderno em relação ao moderno, este, que se aproxima cada vez mais depressa e voraz devorando o que ainda resta da antiga ordem patriarcal.

Em *Crônica da Casa Assassinada*, Lúcio Cardoso nos apresenta de forma contundente o processo de decadência da estrutura social do patriarcado rural mineiro, aqui representado ficticiamente pela família dos Meneses. A família, que neste tipo de sociedade é o esteio da moral e símbolo da conservação dos valores que perpassam gerações é também, juntamente com a casa, aqui, tida como uma construção simbólica, a representação do *status* social do grupo em relação ao restante da sociedade em que viviam.

Nossos personagens, Os Meneses, moradores de uma chácara na pequena cidade de Vila Velha, relutam contra a visível decadência econômica a que estão submetidos na intenção de manterem vivos o prestígio e a posição de superioridade que lhes era atribuída pela comunidade local.

(...) Eu os via passar com certa freqüência, quase sempre de preto, distantes e numa atitude desdenhosa. Dizia comigo mesmo: "são os da chácara"- e contentava-me em inclinar a cabeça num hábito que já se perdia longe através do tempo (...) (CARDOSO, 2009, p. 47)

Ainda sobre o processo de decadência em que se encontra a família, Valdo Meneses em carta a Nina, descreve a situação em que se encontram:

(...) Cessamos bruscamente no tempo, e o nosso lento progresso para a extinção, é um clima a que você talvez não se adapte mais. Apesar de tudo resta louvar o espírito da família Meneses, esse velho espírito que é nosso único sustentáculo: este ainda é o mesmo, integral como um alicerce de ferro erguido entre a alvenaria que cede. Você nos encontrará imutáveis em nossos postos, e a Chácara instalada, a esse respeito, na sua latitude

habitual. À medida que o tempo passa se perdemos o respeito e a noção de carência de muita coisa, outras, porém se avivam e se fortalecem em nosso íntimo: somos assim, por circunstância e por fatalidade, mais Meneses do que nunca (...) Resta-nos, como essas ervas desesperadas que se agarram às paredes em ruínas, a nostalgia do que poderia ter sido, e que foi destruído, por fraqueza ou por negligência nossa(...) (CARDOSO, 2009,p.119)[grifo nosso]

A tragédia a que estavam fadados os Meneses encontra-se descrita em vários momentos no romance, mas o que mais nos causa estranhamento é a forma como Lúcio Cardoso, narrou os acontecimentos que viriam a detonar de vez a família. A começar pela forma como está composta a estrutura do romance, que está dividida em confissões, memórias, diário, cartas, narrativas e depoimentos. Toda a composição da escrita é feita de maneira fragmentada, a inexistência de um diálogo entre os moradores da chácara demonstra a impossibilidade de uma reestruturação, onde os objetos deixam de ser apenas objetos e passam a se afirmar no centro dos conflitos. A casa é o que ainda resta de concreto e certo na vida dessas personagens. É ela ainda a única mostra do passado de glória e também o único meio de proteger o que ainda resta do prestígio e da admiração do restante dos moradores da cidade.

(...) O senhor Demétrio, de natureza tão arraigadamente mineira. Mais do que isto: mais do que ao seu Estado natal, amava ele a chácara, que aos seus olhos representava a tradição e a dignidade dos costumes mineiros-segundo ele, os mais autênticos existentes no Brasil. “Podem falar de mim-costumava dizer-, mas não ataquem esta casa. Vem ela do Império, e representa várias gerações dos Meneses que aqui viveram com altaneria e dignidade.” (...) (CARDOSO, 2009, p.55)

A chegada de Nina Meneses, vinda do Rio de Janeiro, recém casada com Valdo Meneses, irá precipitar o fim da família, incitar a corrosão moral dos valores, a desagregação total da estrutura familiar. Nina é cidadina, avessa à vida no campo, aos hábitos taciturnos dos moradores da casa. Poderíamos dizer que Nina, representa o ideal de moderno, o progresso, a pressa e a necessidade da mudança reclamadas pelos novos tempos a que os Meneses se recusam a participar. O olhar de Nina sobre a casa é capaz

de desnudar interiormente toda a tensão psicológica que envolve o restante das personagens.

Os conflitos entre Nina e os outros personagens, principalmente Demétrio, o irmão mais velho, o primeiro na sucessão familiar, e também com Ana Meneses, esposa de Demétrio demonstram a avidez com que estes últimos tentam preservar a tradição familiar, como se Nina e sua maneira de enxergar o mundo fossem os únicos responsáveis pela ruína do clã. Mesmo, Demétrio admitindo em algumas passagens que este processo já viesse de longa data: *Devemos aos empregados, à farmácia, ao banco do povoado*. A situação em que se encontram é de fato calamitosa, e a única maneira que ainda resta para ganhar algum dinheiro é alugando os pastos para outros fazendeiros. Mesmo assim, não há nenhum diálogo entre os Meneses a demonstração da busca por uma solução para o problema enfrentado. É como se eles esperassem pela volta dos tempos áureos sem a necessidade de empreenderem nenhum esforço.

O empobrecimento dos Meneses se dá pelo endividamento financeiro, e pelas novas conjecturas políticas e econômicas que alteraram o papel do Estado, que passa então a exercer um maior controle sobre as propriedades privadas, incluindo-se as fazendas do interior do Brasil. É nítida a incapacidade de Demétrio em gerenciar as terras e as economias da família frente às novas necessidades do mercado e da sociedade. Os Meneses são atropelados pelas novas relações sociais que não mais primavam pela hereditariedade e pelo nome, mas ainda assim eram solapados pela arrogância que o nome suscitava na cidade. Os Meneses desenvolveram neste romance um quase “parasitismo petrificante” em relação ao novo. Chegando ao ponto de não mais estabelecerem relações monetárias com os comerciantes do lugar e com seus funcionários, apenas trocas e favores que lhes eram feitos. O apego ao passado de glória torna os Meneses obsoletos na nova configuração de mundo, agarrados às conquistas de seus antepassados e à tradição familiar.

(...) Como se assistisse à demonstração de um espetáculo mágico, ia revendo aquele ambiente tão característico de família, com seus pesados móveis de vinhático ou de jacarandá, de qualidade antiga, e que denunciavam um passado ilustre, gerações de Meneses talvez mais singelos e

mais calmos; agora, uma espécie de desordem, de relaxamento, abastardava aquelas qualidades primaciais. Mesmo assim era fácil perceber o que haviam sido esses nobres da roça, com seus cristais que brilhavam mansamente na sombra, suas pratas semi-empoeiradas que atestavam que o esplendor esvanecido, seus marfins e suas opalinas- ah, respirava-se ali o conforto, não Haia dúvida, mas era apenas uma sobrevivência de coisas idas. Dir-se-ia, ante esse mundo que se ia desagregando, que um mal oculto o roia, como um tumor latente em suas entranhas” (CARDOSO,2009,p.130)

O drama dos Meneses montado segundo Alfredo Bosi, *a partir de uma paixão subjetivamente incestuosa* entre Nina e o filho André vai além dos conflitos psicológicos, o romance desnuda a vida cotidiana da casa, e através da subjetividade das personagens, Cardoso transpõe a intimidade aparente, o isolamento de cada um dos personagens nos cômodos da casa a um sutil retrato de uma oligarquia em processo de falência. Talvez pelo fato de ter pertencido a uma tradicional família que perdeu suas posses e passou buscar muitas vezes favores para que seus filhos tivessem condições de se alçarem na sociedade, Cardoso tenha narrado com tanta precisão as mazelas que assolavam cada morador da chácara, o ponto de vista de cada observador externo. Como se estes pontos de vista na verdade contivessem a verdade do ponto de vista de nosso autor. A visão de Lúcio Cardoso está sutilmente implícita, por exemplo, nas memórias de Padre Justino sobre o porquê da decadência ou mesmo no transgressor Timóteo, o irmão que se veste com as roupas da já falecida mãe e que vive trancafiado em um quarto, longe do contato de todos, para que a visão de sua pessoa não macule a imagem dos Meneses.

Quando do lançamento da Crônica, Cardoso declara em entrevista a Fausto Cunha:

Meu movimento de luta, aquilo que viso destruir e incendiar pela visão de uma imagem apocalíptica e sem remissão é Minas Gerais. Meu inimigo é Minas Gerais. O punhal que levanto, com a aprovação ou não de quem quer que seja, é contra Minas Gerais. Que me entendam bem: contra a família mineira. Contra a literatura mineira. Contra o jesuitismo mineiro. Contra a religião mineira. Contra a concepção de vida mineira. Contra a fábula mineira. (CARDOSO, p.09)

Intencionalmente, o autor municia seus personagens com aquilo que os levará à própria destruição dos valores tradicionais que constituem a família mineira, valores estes que são o alicerce de seu status social. A moral católica, o ensinamento respeitoso do “pai”, que será posto à baixo com a chegada de Nina, em sua relação com André, o filho, no conluio de Nina com Timóteo o irmão degredado em seu próprio quarto.

Cardoso deixa-nos a missão de organizar os diálogos das personagens, suas versões sobre um mesmo fato, mas sem perder nunca de foco a transgressão moral.

Nina, chega à chácara como um verdadeiro anjo exterminador, com a missão de cumprir o sina a que estão fadados os Meneses. A morte, pecado, segundo a bíblia, o salário para o pecado é quem irá redimir Nina, os moradores da chácara e a cidade de Vila Velha.

Não por acaso, Lúcio Cardoso criou personagens tão conflitantes e sombrios para tratar do tema relacionado à decadência das oligarquias e do sistema patriarcal em Minas Gerais. A obra traz em si a visão do que era para o autor a sociedade mineira, como citado na passagem acima. São os valores desta sociedade que teima e dar manutenção a um sistema já falido e inviabilizado pelos novos tempos. Cardoso produz uma sutil, mas avassaladora crítica aos padrões impostos através da moral deste tipo de sociedade. A não aceitação da mudança, a relutância em se adequarem às novas relações, típico da tentativa de se manterem como classe dominante, são o alvo desta “vingança” através da narrativa criada pelo autor.

A maneira como o autor expõe os fatos narrados através dos vários recursos utilizados para o desabafo das personagens trata-se de uma maneira de mostrar a todos o que acontecia no interior da casa tão orgulhosamente erguida pelos senhores patriarcais. Todo o intrincado das relações que se passam no interior da casa, a própria degradação da construção, simbolizando o fim do clã, denotam a avidez com que Cardoso tenta pulverizar de vez as reminiscências de um passado já superado, mas ainda insistente em fazer-se presente através da tradição do nome familiar, da moral católica e dos costumes patriarcais.

A não renovação, a falta de investimentos financeiros, a ingerência dos bens ainda restantes, o apego ao passado, a impossibilidade de darem manutenção as suas antigas

relações sociais nem de adaptarem-se as novas relações que surgem impulsionadas pelas novas configurações políticas e econômicas é que transformaram grande parte dos oligarcas empobrecidos em um grupo obsoleto entre as quatro paredes de suas casas grandes, como nossos personagens, os Meneses.

BIBLIOGRAFIA:

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 2000.

___ Formação da literatura brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

___ Literatura e Sociedade. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1973.

CARDOSO, João Batista. Um mapa da História sobre o mapa da ficção - Goiânia: Ed. Da UCG, 2009.

CARDOSO, Maria Helena. Por onde andou meu coração. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.

CARDOSO, Lúcio. Diário Completo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.

___ Crônica da Casa Assassinada. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura/INL, 1971.

___ Maleita. 3ª edição. Rio de Janeiro, Editora Presença, 1974.

___ Dias perdidos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

___ A luz no subsolo. 2ª edição. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura/INL, 1971.

___ Três histórias de província. Rio de Janeiro, Bloch, 1969. (Reunião de mãos vazias, O desconhecido e A professora Hilda).

FAUSTO, Boris (Organizador). História Geral da Civilização Brasileira; Tomo III-Livro 3 e 4; Sociedade e Política/ Economia e Cultura(1930-1964). São Paulo, DIFEL, 1986.

FERNANDES, José. O existencialismo na ficção brasileira. Goiânia, Ed.da Universidade Federal de Goiás, 1986.

LUCIEN, Goldman. Sociologia do romance. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

MARTINS, Maria Terezinha. Luz e Sombra em Lúcio Cardoso. Goiânia: UCG: CEGRAF, 1997.

MICELI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. São Paulo: Companhia das letras. 2001

___ Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). São Paulo, Difel,1979.

MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974.9ª edição, São Paulo, Ática, 2002.

SANTOS, Cássia dos. Polêmica e controvérsia em Lúcio Cardoso-Campinas, São Paulo: FAPESP, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. Formação Histórica do Brasil- São Paulo: Editora Brasiliense, 1964. 3ª edição.